

COMUNIDADES ECLESIAIS MISSIONÁRIAS

Um retorno às fontes¹

*Leonardo Envall Diekmann**
*Ms. Adriano André Maslowski***

Resumo: O presente trabalho consiste em uma reflexão sobre o processo de evangelização no mundo urbano mediante a ação de pequenas comunidades eclesiais missionárias a partir da proposta das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019–2023). Para tanto, buscamos resgatar as origens das primeiras comunidades cristãs e o processo de transmissão da fé exercido por estas, para então compreender como as mesmas podem contribuir com o desafio da evangelização em um mundo cada vez mais urbano. Trata-se de um processo de retorno às fontes, resgatando a essência da vida comunitária da transmissão da fé frente ao mundo pós-moderno.

Palavras-chave: Cidade. Eclesiologia. Paróquia. Pastoral Urbana.

1 Introdução

Desde o início a Igreja esteve preocupada com o anúncio da Boa-Notícia de Jesus nos diferentes contextos, espaços e épocas

¹ Estudo a partir das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019–2023).

* Graduado em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE); Especialista em Filosofia e Graduando em Teologia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/IMT). Contato: diekleo@hotmail.com

** Doutorando em Filosofia da UFSM; Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Especialista em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Especialista em Leituras da Bíblia e Mundo Contemporâneo pela Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões (URI); Graduado em Teologia pela Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões (URI); Graduado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia Berthier (IFIBE). Contato: adrianolowski@yahoo.com.br

históricas. Para tanto, em cada período histórico e de acordo com a realidade e os desafios enfrentados, ela fez uso de distintos métodos de evangelização. Por vezes, acentuando mais a dimensão mistagógica com a Sagrada Escritura, em outras, priorizando os dogmas e ensinamentos morais. Tudo isso para que as comunidades cristãs caminhassem em um movimento de progressão. Assim como os métodos de transmissão da mensagem cristã mudam, também a forma de organização das comunidades acaba sendo alterada de acordo a necessidade temporal.

A partir do Concílio Vaticano II (1962-1965) a Igreja Católica coloca-se em diálogo com o mundo, assumindo uma postura de abertura frente à modernidade, não simplesmente para se modernizar, mas antes, conseguir compreender a realidade e os anseios do mundo moderno, bem como o seu papel nesta conjuntura social. Desde então, o mundo passou por grandes transformações. A revolução tecnológica, a globalização e urbanização mudaram a forma de organização da sociedade, bem como, os pensamentos, os costumes, a cultura e os valores. A Igreja que detinha papel significativo na vida das pessoas e na sociedade em geral torna-se, gradativamente, apenas mais uma instituição entre tantas outras. Diante desta conjuntura atual podemos nos perguntar como evangelizar no mundo urbano contemporâneo?

Frente ao desgaste de uma instituição que moldou os fundamentos do Ocidente, buscamos, na presente reflexão, discutir o ideal de uma Igreja formada por pequenas comunidades eclesiais missionárias a partir Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023), documento 109 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Para tanto, estruturamos este trabalho em três eixos: primeiramente voltamos nosso olhar para a Igreja primitiva, refletindo sobre a *domus ecclesiae*, a Igreja das Casas, e processo de evangelização no início do cristianismo. Em um segundo

momento, abordamos a realidade urbana pós-moderna e os desafios presentes no processo de evangelização nas grandes cidades. Em um terceiro momento, apresentamos a proposta do documento 109, por uma Igreja formada por múltiplas pequenas comunidades eclesiais missionárias, verdadeiras Igrejas domésticas, fundamentadas e sustentadas em quatro grandes pilares herdados das comunidades dos tempos apostólicos: a Palavra, a Eucaristia, a Caridade e a Ação Missionária.

2 Domus Ecclesiae: um olhar sobre a igreja primitiva

A Igreja que nasce a partir do envio do Espírito Santo (At 2,10) nem sempre possuiu as características e organização tal qual a temos hoje. Esta instituição que surge da adesão ao discipulado de Jesus Cristo, enquanto organismo vivo e histórico² teve sua expressão da fé, expressa nas celebrações, nas orações e nas vivências, na reflexão teológica e na organização interna reformadas e adaptadas conforme o tempo e o lugar. Assim sendo, “as diferentes épocas expressam a mensagem cristã em sua própria linguagem”³. No entanto, existem características que atravessam o tempo e o espaço, chegando até nós.

As primeiras comunidades cristãs nascem na região da Palestina e, posteriormente, se espalham pelo território do

2 A partir do Concílio Vaticano II a Igreja Católica Romana se abriu a novas possibilidades de leitura e interpretações sobre a história da Igreja, até então centrada e fundamentada na obra de Eusébio de Cezaréia (263-339 d.C.). Em sua história, Eusébio tem a pretensão de demonstrar um avanço contínuo, sem admitir períodos de declínio ou decadência. Tal compreensão é, na atualidade, considerada equivocada, sobre tudo a partir do Concílio Vaticano II. Desde o Concílio, buscou-se perceber a caminhada eclesial como um grande processo desenvolvido por parte da humanidade, guiado por Deus, mas no qual o ser humano goza de total liberdade. Assim, a historiografia de Eusébio é, sem sombra de dúvidas, uma belíssima obra produzida pela Igreja antiga, porém um trabalho que reflete o pensamento de uma época e não uma verdade plena e eterna da história.

3 Jean COMBY, *Para ler a História da Igreja I: das origens ao século XV*, p.8.

Império Romano. Boa parte destas comunidades se organizam a conforme o modelo sinagoga. Ali estruturam a *ekklèsia*, a assembleia, com um caráter doméstico, cultivando a comunhão fraterna, a Eucaristia e guardando a memória do Mestre. “Ser cristão neste contexto não significava antes de tudo aderir a uma doutrina, mas viver uma nova vida”⁴. Trata-se de uma vivência de virtudes de cunho familiar ou doméstico, uma capacidade de perceber Deus nas pequenas coisas da vida (Rm 12,10; Mc 10,45; Lc 14,7-10), mesmo em meio a um ambiente que se mostre hostil⁵. Hoornaert nos recorda que mesmo “rejeitados pela sociedade, eles [os cristãos] começam a construir dentro de minúsculos grupos uma comunidade nova, baseada na memória do êxodo, dos profetas e de Jesus e no dinamismo da esperança escatológica”⁶. Justamente nestes espaços cabia aos cristãos realizar a tarefa mais difícil: fermentar a sociedade, em um movimento de dentro para fora, da comunidade caseira para a sociedade em sua pluralidade.

Este modelo eclesial sinagoga, próprio da Igreja doméstica, é uma característica que o cristianismo primitivo herdou do judaísmo e implementou anteriormente ao período da institucionalização da Igreja através de Constantino⁷. Este

4 Eduardo HOORNAERT, *A memória do povo cristão*, p.164.

5 *Ibidem*, p.47. “No início, o cristianismo era visto como “um punhado de gente simples, grosseira e perdida moralmente, que constitui a clientela ordinária dos embusteiros, ignorantes, fechados, incultos e simples de espírito, almas vis e ignóbeis, escravos, mulheres pobres e crianças, tecelões de lã, sapateiros e calceteiros, gente de extrema ignorância e destituída de qualquer educação”.

6 Eduardo HOORNAERT, *A memória do povo cristão*, p.43.

7 No ano de 313 d.C., com o Edito de Milão, cessam as perseguições contra a Igreja no reinado de Constantino. Inicia-se, na vida da Igreja, um processo de institucionalização. Aos poucos é fixado o cânone da Bíblia, avançam as reflexões teológicas sobre o mistério da encarnação e da divindade de Jesus. Surgem oficialmente as paróquias como instâncias territoriais da Igreja. Assim, o cristianismo, antes um ramo do judaísmo, distancia-se da religião judaica e assume características próprias que lhe darão o status de uma religião. Em 380 d.C. o imperador Teodósio finalmente proclama o cristianismo a religião oficial do Império Romano. “Das catacumbas às grandes basílicas, a Igreja Católica

modelo eclesial dos primeiros séculos traz consigo algumas marcas fundamentais, objeto de nossa reflexão em vista da compreensão das raízes de nossa fé.

2.1 A vida cristã nas Pequenas Comunidades Eclesiais

Essencialmente doméstica, a vida das primeiras comunidades cristãs é marcada por um aspecto não territorial ou local, mas sim familiar. Desse modo, a participação na *ekklèsia* não significa a inserção sociológica em um templo, cidade, município e sim a relação em um determinado grupo humano. O modelo sinagoga não é local, mas grupal, alicerçado em uma comunidade que organiza sua vivência a partir das necessidades e circunstâncias de seus membros. Outra marca do modelo sinagoga presente na Igreja primitiva é a relação da comunidade com a família. A casa que acolhia a *ekklèsia* acompanhava e se deixava envolver por esta vivência⁸. Assim como acolhia às reuniões dominicais, a casa também acolhia as grandes festas da comunidade, tais como a Páscoa, Pentecostes, *Yom Kippur*, *Succot* ou festa das tendas, celebrações que aconteciam ao redor da mesa, pela vivência fraterna, pela oração, através da memória dos grandes feitos de Deus na vida do povo que escolheu como Seu (Ex 3ss) e na fração do pão.

O batismo desde o princípio do cristianismo aparece inserido no processo de Iniciação à Vida Cristã, como sinal fundamental constitutivo da comunidade. Para os primeiros cristãos o batismo era o marco divisor de águas, passo decisivo para uma nova vida (Rm 6,3-5; Jo 3,5) a partir do evento

Romana associou-se ao poder monárquico do Sacro Império Romano-Germânico, assumindo características do mesmo que perduram até hoje, tais como sua estrutura de poder, organização e indumentária, entre outras” (DIEKMANN, *Concílio Vaticano I: avanço ou retrocesso? Uma leitura da história 150 anos depois*, p.50).

8 Cf. Eduardo HOORNAERT, *A memória do povo cristão*, p.141.

querigmático⁹. Com uma ampla e exigente caminhada de preparação, que correspondia à Iniciação à Vida Cristã¹⁰, o batismo era o ponto culminante em um processo de adesão a Cristo através da pertença a uma comunidade cristã. Em uma realidade de aversão ao cristianismo, aderir ao seguimento de Jesus implica liberdade e consciência frente ao compromisso que está sendo assumido, e do qual “o cristão era chamado a testemunhar sua fé¹¹”.

Outra marca já mencionada, mas que merece maior atenção é *koinonia*, ou seja, a comunhão (do latim: *communio*). No início da Era Cristã, as primeiras comunidades cultivavam a comunhão fraterna, isto significava a união do discípulo com o Cristo que acontece através da união com os irmãos e irmãs. Esta vivência é fundamental, considerando o contexto de evolução social do corpo eclesial que resultou em diversos conflitos, divergências e até mesmo divisões da comunidade cristã¹².

9 Cf. CNBB, *Iniciação à Vida Cristã*: itinerário para formar discípulos missionários, p.30.

10 No segundo século, a Igreja estruturou o processo de iniciação dos novos membros de tal forma que os mesmos, após um rígido e longo tempo de formação, eram acolhidos na comunidade dos cristãos através do batismo. Este processo catequético denominado catecumenato introduzia o indivíduo à fé eclesial e o fazia participar da mesa do Senhor. Assim, o batismo e a Eucaristia estavam intimamente ligados através da iniciação a vida cristã. O indivíduo adentrava nas águas do batismo, recebia a unção pós-batismal e participava da Ceia do Senhor, tudo em uma mesma celebração. (Cf. CNBB, *Iniciação à Vida Cristã*: itinerário para formar discípulos missionários, p.30-31).

11 Eduardo HOORNAERT, *A memória do povo cristão*, p.170.

12 Até o século II da Era Cristã a memória e a fé eram transmitidas de forma oral. O cristianismo não possuía uma doutrina formulada à qual seus membros pudessem seguir. Trata-se de um longo trajeto de amadurecimento da fé e da compreensão dos cristãos sobre a pessoa de Jesus. A carência/falta de memórias escritas, definidas em um cânon como referência para os cristãos, deixa margem à livre interpretação e à proliferação de múltiplos contos e supostas memórias sobre a vida de Jesus e seus discípulos. Neste cenário, surgem divergências, conflitos e confrontos entre teorias opostas a respeito da vida, da natureza e da missão de

Uma Igreja sólida como instituição, mas vazia de vida comunitária real não combina com a inspiração fundamental no Novo Testamento. Essas comunidades, porém, têm que evitar o exclusivismo e o fechamento em si mesmas. Neste caso, podem degenerar em guetos, em comunidades personalistas e em fontes de discórdia [...]. Também não basta uma universalidade intencional, mas é necessária a participação e o intercâmbio efetivo com unidades mais amplas de vida eclesial¹³.

Para resolução dos conflitos a comunidade cristã realizava os sínodos, ou seja, as reuniões entre seus membros¹⁴. Porém, não se deve alimentar uma ideia ingênua a respeito das comunidades, imaginando um ideal de vivência sem divergências ou discordâncias. Tais aspectos são próprios de uma caminhada comunitária. Entretanto, é de suma importância compreender a vivência da Igreja primitiva, não a partir da uniformidade, mas da unidade eclesial, através do respeito à autonomia de cada comunidade e do sinal visível de comunhão entre os cristãos com Cristo e entre si pela Eucaristia. Assim, “as Igrejas estão em comunhão entre si, e todas têm consciência de ser uma única Igreja”¹⁵.

O cristianismo herdou do judaísmo este caráter familiar, esta íntima relação entre *ekklèsia* (assembleia que se reúne) e *oikos* (casa). Dessa forma, “entendendo [...] o sentido verdadeiro de casa no ambiente bíblico, pode-se perceber que a assembleia cristã chama a atenção por não se comportar simplesmente

Jesus e da Igreja. Estes impasses serão superados, em parte, com a sistematização, organização e transmissão da fé não apenas através da oralidade informal, mas pela doutrinação institucional. Este processo, no entanto, acaba enfraquecendo as pequenas comunidades que cultivam o sistema de organização sinagagal, próprio das Igrejas domésticas.

13 Rafael AGUIRRE, *Del movimiento de Jesus a la Iglesia Cristiana: ensayos de exégesis sociológica del cristianismo primitivo*, p.107, (tradução nossa).

14 Cf. Eduardo HOORNAERT, *A memória do povo cristão*, p.144.

15 Ney de SOUZA, *Da Igreja doméstica à paróquia: aspectos históricos das origens à atualidade da paróquia*, p.163.

como uma reunião entre membros de várias casas, mas como membros de uma só casa, [...] de um só povo”¹⁶. No entanto, esta relação só era possível enquanto a estrutura da Igreja estava organizada sob a forma de uma rede de comunidades. Estas, por sua vez, encontravam-se espalhadas pelo território da Palestina. Aos poucos, foram se estendendo em direção aos grandes centros comerciais litorâneos do mediterrâneo por meio do processo de evangelizado paulino¹⁷.

Até então, este modelo de comunidade sinagoga se restringia à região da Palestina, às comunidades formadas por judeus. Com o apostolado de Paulo este modelo eclesial é adaptado e expandido a fim de acolher os gentios. “Paulo não aceita os tabus sectários e étnicos”¹⁸. Inicia-se o período de expansão das comunidades cristãs ao longo do Império Romano. Estas comunidades se formaram nas grandes cidades¹⁹ com portos marítimos ou com confluências de grandes rios. Assim, o cristianismo deixa de ser predominantemente camponês, como foi o povo de Israel, constituindo-se como um

16 Dayvid da SILVA, *Paróquia comunidade de comunidades: olhar o passado, analisar o presente, pensar o futuro*, p.831.

17 É importante recordar que, neste período, a fé cristã não havia se constituído como religião autônoma, era antes de tudo, uma seita/ramo do judaísmo entre tantos outros, tal como os fariseus e os zelotas. O processo de evangelização paulino abriu as portas da Igreja para os não-judeus. Hoornaert chega a afirmar que “entre os apóstolos foi Paulo quem entendeu com maior profundidade a prática de Jesus [...]. Fiel a sua vocação, teve que defrontar-se com este problema, o maior da história da Igreja primitiva: podem os incircuncisos também converter-se ao cristianismo sem submeter-se ao rito judaico da circuncisão? [...] Para ele, trata-se de uma questão fundamental, o confronto entre o que ele chama de ‘liberdade cristã’ e o seguimento da lei judaica. Trata-se de saber se o cristianismo evolui para tornar-se uma seita judaica qualquer ou se ele inaugura algo inteiramente novo, uma prática inaudita baseada na prática de Jesus” (Eduardo HOORNAERT, *A memória do povo cristão*, p.52-56).

18 José Antonio ALMEIDA, *Paróquias, comunidades e pastoral urbana*, p.29.

19 Destacamos entre estas cidades: Antioquia, Cilícia, Panfília, Colossas, Éfeso, Corinto, etc.

povo suburbano, de formação comercial e artesanal²⁰. Mesmo nos centros urbanos, o cristianismo primitivo conserva a casa como o espaço para as reuniões específicas da comunidade, o primeiro núcleo da Igreja doméstica. As reuniões, de caráter bastante simples, eram propícias para nutrir a vida comunitária, acolher os pregadores/missionários itinerantes²¹, servindo como plataforma missionária para a expansão da fé cristã²².

Formadas por pessoas de diferentes camadas sociais, porém com ampla adesão e aceitação por parte dos marginalizados, empobrecidos, artesãos e pequenos comerciantes, as comunidades cristãs não possuíam condições de transformar as estruturas sociais de sua época. Ante à impossibilidade de agir sobre as estruturas da sociedade cabe aos cristãos o exercício, a partir de suas comunidades, da *metanoia*, ou seja, da mudança de mentalidade e do estilo de vida. Do *intra* ao *extra*, assim vai acontecendo a sonhada transformação.

Da *domus ecclesiae* ao modelo paroquial que vigora hoje na Igreja Católica se passaram mais de 1500 anos. A realidade social não só mudou como vem mudando constantemente com a globalização e a sociedade do consumo. “De uma característica familiar, passa para uma realidade de reunião em

20 Cf. Eduardo HOORNAERT, *A memória do povo cristão*, p.39.

21 Com a queda de Jerusalém e a destruição do Templo, no ano 70 d.C., o clima de tensão e as perseguições tomam conta da cidade santa. Neste contexto, os ministérios tais como o temos hoje – diaconato, presbiterado e episcopado – não estavam estruturados em todas as realidades eclesiais. No entanto, em meio as perseguições, nasce um forte movimento missionário itinerante a partir de Antioquia. “Os missionários itinerantes (cf. 1Cor 12,28) exercem um ministério carismático que provavelmente toma toda a sua vida. Trata-se dos apóstolos que não pertencem propriamente ao grupo dos doze (por exemplo Paulo e Barnabé). Responsáveis pela evangelização, eles se deslocam de modo constante [...]” (Jean COMBY, *Para ler a História da Igreja I: das origens ao século XV*, p.58).

22 Cf. Ney de SOUZA, *Da Igreja doméstica à paróquia: aspectos históricos das origens à atualidade da paróquia*, p.162.

grandes massas”²³. Aos poucos percebe-se a diminuição do impulso missionário e o aumento da preocupação sacramental²⁴. Se antes o indivíduo vivenciava um processo de conversão e inserção na comunidade, com a cristandade o indivíduo nasce na Igreja da mesma forma como nasce em uma família, em um país. No entanto, subjacente à realidade paroquial da atualidade, ainda podem ser encontrados vestígios de uma prática anterior. Esta pode nos iluminar para enfrentarmos os desafios que devem ser enfrentados pelo processo de evangelização no contexto urbano.

3 A Igreja em um Brasil cada vez mais urbano

Com sua institucionalização, a partir de 313 d.C., a estrutura comunitária da Igreja adota características territoriais, uniformidade no culto, padrões, normas e dogmas. O modelo de organização doméstico se dilui em meio às estruturas que vão sendo fixadas. A diversidade vai cedendo espaço para a uniformidade em nome da “unidade”. Aos poucos o dinamismo missionário dá lugar aos sacramentos. O espaço cristão e o espaço civil se mesclam. A Igreja, antes presente nas periferias, passa a ocupar os grandes centros, recebendo destaque, poder e influência sobre o modo de ser e viver da sociedade ocidental organizada aos moldes rurais.

Libanio recorda que, no meio rural, a vida era organizada em torno de três centros de configuração: a habitação, o trabalho e a religião. O indivíduo geralmente habita e trabalha²⁵

23 Dayvid da SILVA, *Paróquia comunidade de comunidades: olhar o passado, analisar o presente, pensar o futuro*, p.832.

24 Cf. José Antonio SOUZA, 2014, p.165.

25 Fato curioso, esta relação entre trabalho e habitação passou por mudanças ao longo da história. Se no contexto agrário habitação e trabalho encontravam-se em um mesmo espaço geográfico, com a revolução industrial e o crescente êxodo rural para os grandes centros urbanos, estes dois espaços passaram a existir em geografias distintas. No entanto, com o avanço da ciência e da tecnologia muda novamente a configuração destes dois espaços nos quais a vida humana se dá.

em espaços próximos, se não os mesmos. A igreja ergue-se em lugar alto, bem visível, em estilo imponente. A seus pés encontram-se a praça e os setores do poder público²⁶. Neste espaço, os costumes, a cultura, as ações, tudo acaba padronizado, colocando o indivíduo em um estado de permanente fiscalização por meio de um rígido controle social. Este modelo social foi e ainda é idealizado por setores eclesiais como suposto meio favorável para a vivência da fé, da moralidade e a fidelidade ao Evangelho²⁷. No entanto, a estabilidade instaurada pela cristandade viria a mudar radicalmente esse cenário.

3.1 Lógicas da cidade

Com o advento da modernidade e o avanço das ciências, a organização social inicia um processo de mudanças. A modernização trouxe consigo a urbanização e a globalização. A população, antes concentrada no meio rural, migra para o espaço urbano. Esta mudança vai além da mera geografia, atingindo padrões comportamentais, morais e estruturais. O modelo de organização urbana, na pós-modernidade, desestabiliza as bases de uma sociedade cristã. “Deixamos o espaço da sociedade arcaica na sua tranquilidade imutável para uma sociedade [...] agitada, pulverizada, [...] marcada por um projeto emancipador, científico-tecnológico e existencial²⁸”.

Com a revolução da informática, na pós-modernidade, o indivíduo passa a trabalhar em sua casa, atrás de um computador. Além disso, no setor fabril houve uma verdadeira explosão no que se refere a terceirizações. Isso permitiu que as famílias montassem seu próprio negócio, sua microempresa, em casa, mesclando, dessa forma, trabalho e habitação em um mesmo espaço. (Cf. João Batista LIBANIO, *As lógicas da cidade: impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, p.34).

26 Cf. João Batista LIBANIO, *As lógicas da cidade: impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, p.31.

27 Cf. José COMBLIN, *Viver na cidade: pistas para a pastoral urbana*, p.14.

28 João Batista LIBANIO, *As lógicas da cidade: impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, p.29.

Se no modelo social rural a vida estava demarcada a partir de padrões, costumes e normas, no espaço urbano pós-moderno vive-se o pluricentismo simultâneo. Não existem mais espaços demarcados. O indivíduo está na rua e no celular e, simultaneamente, através da tecnologia, encontra-se trabalhando no ambiente de lazer. Percebe-se que os espaços se interpenetram. Esta organização pluriespacial desconstrói os espaços presentes no imaginário popular, seja a igreja, a praça, a família. Impera uma nova ordem social a partir da economia, da vitrine, do mercado, da competitividade, do estado de bem-estar social, do status, das aparências.

A liberdade e a pluralidade influenciam diretamente o modo de pensar e agir do sujeito urbano. Rompe-se com os modelos tradicionais, as estruturas familiares, os costumes do interior, a presença dominadora do clero, as próprias adversidades temporais impostas pela natureza²⁹. Desestabiliza-se o monopólio da religião³⁰, que outrora, no modelo agrário, era professada por um número reduzido de confissões de fé.

A cidade se caracteriza pela lógica da competitividade. “A solidariedade, própria do mundo rural, dissolve-se em ações esporádicas. Substitui-se assim uma cultura da solidariedade por atos descontínuos de ajuda assistencialista”³¹. Surgem dificuldades de relacionamento entre os indivíduos, pois cada um possui a sua religião, sua origem, sua cor, seus costumes³². Se no campo todos se conheciam, na cidade, os vizinhos, além de não se conhecerem, podem aparentar a possibilidade de um perigo em potencial. Homogeneidade, uniformidade, tradicionalismo não são características predominantes neste

29 Cf. DAP, p.30; João Batista LIBANIO, *As lógicas da cidade: impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, p.37.

30 “O ambiente religioso se torna cada vez mais plural e diversificado” (CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023)*, p.38).

31 João Batista LIBANIO, *As lógicas da cidade: impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, p.38.

32 Cf. José COMBLIN, *Viver na cidade: pistas para a pastoral urbana*, p.19.

espaço. A lógica da cidade é marcada pela frieza das relações com interesses comerciais, pela falta de tempo, pelo cansaço excessivo, pela luta para ganhar uma renda extra a fim de melhorar o orçamento do mês.

O espaço urbano é onde todos vivem juntos, mas ao mesmo tempo, separados, próximos e simultaneamente distantes/isolados. “O urbano consegue o paradoxo de gerar a solidão no meio da multidão”³³. Acentua-se cada vez mais a dimensão individual da existência, chegando ao extremo individualismo³⁴. O anonimato parece tomar conta das relações humanas, perdendo o espírito das relações primárias em um contexto de exaltação das relações funcionais. A fisionomia geográfica aponta para uma intensa segregação social, formada por bairros residenciais que exibem arquiteturas diversas. Uns acessíveis unicamente ao mundo empresarial e outros, na margem destes, habitados por maioria operária. A cidade se expande e a população mais pobre se acumula nas periferias formando as vilas e as favelas. “Os ricos escolhem os lugares privilegiados para morar, enquanto encerram os pobres em regiões inóspitas. Traça-se verdadeira linha divisória entre os bairros”³⁵. Este abismo entre ricos e pobres gera um antagonismo que se expressa através das diferentes formas de violência³⁶.

33 João Batista LIBANIO, *As lógicas da cidade: impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, p.46.

34 Cf. CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023)*, p.36.

35 João Batista LIBANIO, *As lógicas da cidade: impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, p.43.

36 Entre os ricos, a violência se expressa através de assaltos e disputas por poder, resultado de sistemas corruptos, organizações criminosas vinculadas ao tráfico de armas e drogas. Entre os pobres a violência se torna perceptível sobretudo através de disputas entre facções criminosas vinculadas a assaltos, envolvimento com armas e drogas (Cf. CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023)*, p.37).

Hoje podemos nos referir ao modo de vida na cidade como uma cultura urbana que se expande, chegando até o meio rural. “Isso acontece não só porque as pessoas tendem a residir nas cidades, mas também porque o estilo de vida e a mentalidade dos ambientes citadinos se expandem sempre mais, alcançando os rincões mais distantes, com todas as consequências – humanas, éticas, sociais, tecnológicas e ambientais, entre outras”³⁷. O consumismo, o universo do desperdício, o individualismo e a cultura do descartável impõem os valores mercadológicos no modo de ser e agir da população. Busca-se, em primeiro lugar, a satisfação de si, dos desejos despertados pelo mercado. A lógica das coisas passou a reger a relações humanas. “As outras pessoas só têm valor e contam enquanto são úteis e capazes de produzir e oferecer algo”³⁸. O comércio, antes regido segundo as relações primárias, nas quais o vendedor conhecia seu freguês, sede lugar para a lógica das vendas em massa, através das grandes corporações e *shopping centers*.

3.2 A Igreja e a cultura urbana

A fé que no modelo regido pela cristandade foi passada de geração a geração, resultando em uma sociedade aparentemente cristã, agora é questionada e necessita passar pelo crivo do convencimento. Em muitas situações os sacramentos tornaram-se apenas ritos sociais. A catequese, em sua configuração de aula, aparece no imaginário popular como obrigação, resultando no enfraquecimento da Iniciação à Vida Cristã. Fazendo uso de uma linguagem pouco atrativa e significativa para os jovens, a catequese parece não conseguir transmitir a fé às novas gerações³⁹. Assim, as crenças vividas na infância têm

37 CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023)*, p.27.

38 Papa FRANCISCO, *Gaudete et Exsultate*, p.69.

39 Cf. DAp, p.56.

cada vez menos importância⁴⁰. “O indivíduo está no centro da decisão”⁴¹. Se uma religião cai na passividade, assumindo como metodologia de abordagem a pastoral de manutenção, fechando-se em seu passado e esquecendo ou ignorando as exigências de um novo caminho evangelizador que dê conta do dinamismo e da pluralidade do espaço e da cultura urbana, acaba fadada ao esquecimento.

A Igreja enfrenta o desafio da transformação integral da fé no interior de uma cultura urbana que se transforma rapidamente⁴². Diante destas exigências do cenário pós-moderno, certos seguimentos da igreja facilmente pendem para uma pastoral eventista, que priorize a realização de eventos, celebrações shows, enfatizando sentimentalismos para atrair o interesse dos fiéis e assim fazer frente às novas crenças que surgem a todo momento e em todo lugar. A Igreja parece não conseguir organizar sua ação pastoral para que tenha incidência nas realidades periféricas, tomadas pelos movimentos neopentecostais. A linguagem utilizada pelo clero, residente nos centros do meio urbano parece não se identificar com a realidade vivida nas periferias. O imediatismo e a barganha com o sagrado em uma relação de troca e venda tornaram-se comuns.

No espaço urbano, as imponentes construções eclesiais, vistas de longe, em tempos de outrora, agora, em meio aos grandes centros, desaparecem entre os edifícios. Aos poucos perdeu-se o caráter sagrado do templo, tornando-se apenas mais um ponto turístico no meio urbano, que acolhe as pessoas a fim de satisfazer suas curiosidades e não mais para rezar. Comunidades pequenas, grupos de reflexão bíblica, encontros

40 Cf. COMBLIN, *Viver na cidade: pistas para a pastoral urbana*, p.40.

41 João Batista LIBANIO, *As lógicas da cidade: impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, p.54.

42 Cf. CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023)*, p.27.

de famílias para preparação ao natal e a páscoa são características do mundo rural que aos poucos vão desaparecendo do espaço urbano. As Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, fomentadas e organizadas a partir das Conferências do Episcopado Latino-Americano em Medellín (1968) e Puebla (1979) perdem seu papel de articuladoras da vida comunitária de base, diluindo-se em meio à mentalidade do mundo urbano. Algumas, para sobreviver, acabam fechando-se sobre si mesmas, resistindo ao impacto da sociedade neoliberal, mas consequentemente impedindo-se de acompanhar os avanços sócio-eclesiais, prendendo-se a um saudosismo do passado.

A explosão populacional dos centros urbanos contrasta com a diminuição do número de sacerdotes ordenados⁴³ pela Igreja Católica. A figura dos agentes de pastoral parece sofrer com a resistência e não aceitação popular. Esta é movida pelo pensamento centralizador de responsabilizar apenas a figura do presbítero sobre a missão evangelizadora. A mentalidade comunitária, própria e necessária no meio rural, desaparece. A religião passa do caráter comunitário ao individual. Os fiéis cada vez menos se sentem comprometidos com a Igreja. Não se sentem Igreja, mas apenas pertencentes a uma determinada denominação. Aqueles, porém, que herdaram das gerações passadas o tesouro da fé, o sentimento de pertença e comprometimento com uma comunidade, vivenciam o drama da sobrecarga imposta pela manutenção das estruturas eclesiais e pela necessidade de um envolvimento pastoral. A situação chega ao limite no momento em que o indivíduo, sobrecarregado, faz uma opção: ou a manutenção da estrutura ou a pastoral. Em geral escolhe a estrutura, restringindo a ação pastoral às liturgias, aos sacramentos, aos devocionismos e pietismos.

43 “O número insuficiente de sacerdotes e sua não equitativa distribuição impossibilitam que muitíssimas comunidades possam participar da celebração Eucarística” (DAP, p.56).

Como dar um passo para além da frieza e do mecanicismo sacramental instaurado na igreja? Como redescobrir o espírito missionário em meio a este novo campo de missão que é a cidade? É possível organizar uma pastoral que transcenda a piedade popular e tenha incidência nestes areópagos hodiernos? Seria possível e viável sonhar com uma nova organização eclesial que supere as barreiras paroquiais estruturadas nestes 1500 anos de história, em um processo de resgate ao modelo comunitário da Igreja primitiva?

4 Comunidades eclesiais missionárias

Ciente destes grandes desafios da cultura urbana, a Igreja Católica, através de sua Conferência Episcopal no Brasil – CNBB convoca suas lideranças, comunidades e pessoas de boa vontade a voltar-se para o espaço urbano como lugar da presença de Deus⁴⁴, espaço de encontro com o Cristo através dos irmãos. A cidade é o espaço da novidade, aberto a incontáveis possibilidades. Diferentemente do contexto rural no qual a cristandade exercia e ainda exerce forte influência a partir do modelo de uma sociedade cristã, na cidade deparamo-nos com o desafio da missão, da evangelização de não-batizados, de pessoas que pouco ou nada tiveram de contato com a Igreja, com as comunidades, com a fé cristã. Neste sentido, a cidade é campo fértil para semente do Reino⁴⁵, espaço propício para “anunciar o amor de Deus, revelado em Jesus Cristo, e partilhar a alegria que se experimenta na conversão e na vida nova, que se abre a partir da comunhão com Ele [...]”⁴⁶.

A pluralidade da sociedade manifesta diferentes experiências de fé em nosso meio. Frente a esta realidade, as Diretrizes da Ação Evangelizadora da CNBB (2019–2023) destacam três

44 Cf. CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019–2023)*, p.19.

45 Cf. *Ibidem*, p.20.

46 *Ibidem*, p.23.

principais experiências, as quais deve-se dar atenção na missão evangelizadora no mundo urbano: aqueles que frequentam regularmente a comunidade e aqueles que conservam a fé católica mesmo sem participar assiduamente; os que foram batizados, mas não vivem segundo sua fé; e por fim, os que não conhecem Jesus Cristo ou o rejeitam⁴⁷. Para enfrentar estes desafios, os bispos, através do documento 109, propõem um retorno às origens do cristianismo, afirmando que, aquele período da história da Igreja permitiu, através da inculturação, que o Evangelho chegasse às diferentes culturas⁴⁸.

Os bispos brasileiros resgatam, do documento da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Aparecida, a proposta de uma ação evangelizadora mediante a ação das pequenas comunidades. Tem-se consciência de que, não raras vezes, o espaço e o momento para evangelizar se restringem às celebrações. No entanto, o número de fiéis que chegam a estas celebrações é bastante limitado, em contraste com a imensidão de distanciados⁴⁹. Assim, o desafio para o terceiro milênio está na convocação de leigos missionários, a fim de atingir os espaços *extra ekklesia*, ou seja, o mundo do trabalho, da cultura, da política, das ciências, da arte, da comunicação, da economia, da família e da educação⁵⁰.

Ao falar em ação missionária a partir do laicato, os bispos têm a preocupação em não dissociar fé e vida, mas a partir da conjugação de ambas, estimular uma vivência cristã missionária, na qual o Evangelho gere vida e vida em abundância (Jo 10,10). Em Aparecida, os bispos afirmaram: “Necessitamos que cada comunidade cristã se transforme num poderoso centro de irradiação da vida em Cristo”⁵¹. Trata-se da incidência da Boa-

47 Cf. *Ibidem*, p.31.

48 Cf. *Ibidem*, p.31.

49 Cf. DAp, p.87.

50 Cf. *Ibidem*, p.88.

51 *Ibidem*, p.166.

Notícia nas raízes estruturais da sociedade, a partir da ação missionária das comunidades eclesiais. Dessa forma, “a tarefa missionária se abre sempre às comunidades, assim como ocorreu em Pentecostes”⁵².

A Igreja enfrenta o desafio de “evangelizar, não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até as raízes, a civilização e as culturas”⁵³. Neste momento da história, frente à mudança de época vivida, deparamo-nos com a incapacidade da paróquia, em sua estrutura e organização atual, no cumprimento da missão evangelizadora exigida pelo mundo pós-moderno urbanizado e globalizado⁵⁴. Percebe-se, cada vez mais, a necessidade de romper com a velha e cômoda pastoral de manutenção/conservação e as estruturas ultrapassadas que não favorecem mais para a transmissão da fé⁵⁵.

A missão da Igreja é anunciar a Boa-Notícia, proporcionando uma experiência querigmática através do encontro com o Mestre⁵⁶. Este primeiro anúncio, esta experiência é momento de intimidade, de confiabilidade, de entrega que gera discipulado. Como vimos anteriormente, na Igreja dos primeiros séculos, esta vivência se dava no âmbito doméstico, pois a comunidade se tornava uma extensão da família. “A casa era lugar de reconhecimento mútuo. [...]. Não bastava fazer parte da casa, era necessário promover outro tipo de relacionamento entre as pessoas, tornando-as mais fraternas”⁵⁷. Esta fraternidade gera vida, a tal ponto que não haviam necessitados entre eles (At 4).

52 *Ibidem*, p.87.

53 Papa PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, p.15.

54 Cf. CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023)*, p.45; DAp, p.87.

55 Cf. *Ibidem*, p.44.

56 Cf. *Ibidem*, p.19.

57 *Ibidem*, p.48.

Seguindo o espírito das primeiras comunidades cristãs, os bispos do Brasil propõem um retorno a este modelo de vida comunitária através de comunidades eclesiais missionárias. Estas não constituem um novo organismo que venha aumentar o número das estruturas a serem mantidas. Antes, trata-se da conversão pastoral da paróquia para a realidade do mundo urbano. É uma forma de romper com o isolamento, fomentar a integração e a aproximação entre as pessoas, conservar a unidade ao redor da mesa eucarística, estimular a vivência da Palavra de Deus através de círculos bíblicos, aprofundar a prática da oração, da fraternidade e da caridade a partir da missionariedade.

4.1 A conversão pastoral da paróquia

A conversão pastoral paroquial não é algo simples. Ela supõe passar de uma pastoral que se ocupe apenas com atividades eclesiais internas para um modelo pastoral de diálogo com o mundo⁵⁸. Em outras palavras, significa dar prioridade ao anúncio do Evangelho e ao impacto deste na sociedade. Não se trata de uma modernização eclesial, mas da busca de maior fidelidade a Cristo. Para tanto, a conversão deve ser total e não apenas parcial, atingindo os leigos, o clero e a estrutura.

A sonhada transformação será resultado da conversão pastoral dos leigos. A exemplo das comunidades primitivas, a proposta de comunidades eclesiais missionárias resgata e estimula o protagonismo dos leigos e leigas a frente dessas Igrejas domésticas, como colaboradores (Rm 16,3-5). Em sintonia com o Concílio Vaticano II, “os leigos devem tomar parte ativa em toda a vida da Igreja, não devem apenas impregnar o mundo com o espírito cristão, mas são também chamados a ser testemunhas de Cristo, em todas as

58 Cf. CNBB, *Comunidade de comunidades, uma nova paróquia: A conversão pastoral da paróquia*, p.37.

circunstâncias, no seio da comunidade” (GS p.188). Dessa forma, o cristão é chamado ao discipulado⁵⁹, sendo sal da terra e luz do mundo (Mt 5,14-16).

A transformação será, sobretudo, resultado da conversão do clero. A missão do ministro ordenado não está mais no âmbito do fazer, mas sim, do animar, do estimular, do conduzir e orientar, permitindo que cada comunidade desenvolva sua própria caminhada sem perder a unidade com a universalidade da Igreja. Esta conversão pastoral do ministro ordenado implica na valorização dos ministérios leigos, dos conselhos paroquiais de pastoral e assuntos econômicos, nos agentes de pastorais, etc.

A transformação será resultado também da conversão das estruturas. Isso implica em uma compreensão de que a estrutura está a serviço das pessoas e da pastoral e não o contrário. E, para uma boa convivência eclesial as decisões devem ser tomadas não de forma vertical, mas mediante a participação da comunidade, respeitando e valorizando as contribuições de seus membros. A Igreja latino-americana aderiu à proposta do Documento da Conferência de Santo Domingo, em “promover os Conselhos de Leigos, em plena comunhão com os pastores e adequada autonomia, como lugares de encontro, diálogo e serviço, que contribuam para o fortalecimento da unidade, da espiritualidade e organização do laicato”⁶⁰. Assim, as comunidades eclesiais missionárias não precisam depender de uma sede social, mas podem surgir nas ruas, condomínios, edifícios, bairros, aldeias, vilarejos, salões comunitários, capelas, espaços públicos, etc.

Enquanto Igrejas domésticas, as comunidades eclesiais aqui sonhadas constituem o espaço do encontro, da ternura, da

59 “Os leigos, porém, são especialmente chamados para tornarem a Igreja presente e operosa naqueles lugares e circunstâncias onde apenas através deles ela pode chegar como sal da terra. Assim, todo leigo, em virtude dos próprios dons que lhe foram conferidos, é ao mesmo tempo testemunha e instrumento vivo da própria missão da Igreja ‘na medida do dom de Cristo’ (Ef 4,7)” (LG, p.79).

60 CELAM, *Santo Domingo*, p.96.

familiaridade e do acolhimento. Sua identidade e diferencial está na semelhança às primeiras comunidades cristãs, alicerçadas a partir de quatro pilares: a Palavra, a Eucaristia, a Caridade e a Ação Missionária. Dessa forma, a comunidade expressa sua missionariedade ao assumir o compromisso de colaborar para garantir a dignidade do ser humano e a humanização das relações sociais⁶¹.

4.2 Os pilares das Comunidades Eclesiais Missionárias

O documento 109 apresenta as comunidades eclesiais missionárias utilizando-se da imagem alegoria de uma casa. A casa é a Igreja que está onde as pessoas se encontram, independente do vínculo territorial, geográfico ou de moradia⁶². Ela remete à experiência do lar, ambiente onde a vida se dá, no qual encontramos nossas referências e nos sentimos acolhidos e protegidos. Esta casa é sustentada por quatro grandes pilares que merecem atenção especial: a Palavra, o Pão/Eucaristia, a Caridade e a Ação Missionária.

A comunidade eclesial missionária é alicerçada sobre a Palavra de Deus. Ao falar da Palavra também falamos sobre a Iniciação à Vida Cristã e a animação bíblica. Em uma realidade na qual o individualismo e o relativismo ganharam força, o espírito comunitário e a vivência da fé perderam espaço. Nas casas, a Bíblia quando exposta, aparece mais como um amuleto de proteção do que como a ferramenta de uso diário do cristão. Assim, a proposta de comunidades eclesiais missionárias colabora para uma relação de proximidade entre os membros desta nova comunidade, favorece a Iniciação à Vida Cristã a partir dessa relação querigmática que pode ser vivenciada através da familiaridade entre o cristão e a Escritura. A

61 Cf. CNBB, *Comunidade de comunidades, uma nova paróquia: A conversão pastoral da paróquia*, p.99.

62 Cf. *Ibidem*, p.96.

Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Revelação Divina, recorda que a Palavra é a fonte pura e perene da vida espiritual do cristão (DV, p.137). Dessa forma, a partir dos círculos bíblicos, da leitura orante, da liturgia da Palavra, a comunidade se aproxima das Escrituras e se alimenta (DV p.135) para enfrentar os desafios da missão evangelizadora.

A comunidade eclesial missionária se sustenta e conserva sua unidade através da Eucaristia. “A Eucaristia é o momento principal da vida comunitária, pois é sacramento de comunhão e reconciliação”⁶³. Se durante a semana as pequenas comunidades eclesiais missionárias se reúnem para meditar a Palavra de Deus, partilhar a vida, estudar algum tema de relevância comum, aos domingos elas se somam umas às outras, formando a grande comunidade cristã em torno da Eucaristia. O domingo, na tradição da Igreja, é o dia reservado para o Senhor, dia da reunião das comunidades eclesiais com a comunidade maior, ao redor da mesa eucarística. No entanto, para uma boa participação eucarística é indispensável uma cultura do acolhimento, flexibilização de horários, uma boa pastoral litúrgica⁶⁴ que se preocupe com a preparação de uma liturgia na qual o fiel seja conduzido a mergulhar no mistério pascal.

A comunidade eclesial missionária é alicerçada sobre o pilar da Caridade como manifestação do cuidado com o irmão, promovendo a vida. A caridade é essencialmente a vivência do *ágape*, a exteriorização da Palavra e da Eucaristia em práticas concretas que colaborem na edificação do Reino. No entanto, a vivência da caridade não pode ser confundida com

63 CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023)*, p.98.

64 Almeida nos recorda que “entre a missa show e a missa tédio há um espaço para missas que valorizem a assembleia, que deem espaço para o diálogo, para uma boa homilia, para cantos envolventes, para símbolos que falem por si mesmos, que deixem os fiéis com vontade de voltar e inspirem o impulso para partir” (*Paróquias, comunidades e pastoral urbana*, p.187).

assistencialismos. A caridade compromete, exige tomada de posição e inserção do cristão nos setores públicos da sociedade em defesa dos pobres, dos marginalizados e da Casa Comum⁶⁵.

A comunidade eclesial missionária é ainda alicerçada sobre o pilar da Ação Missionária⁶⁶. Este, por sua vez, constitui o estado de permanente missão da Igreja. A Ação Missionária implica em superar a pastoral de conservação⁶⁷, adequando a pastoral da Igreja às exigências da realidade. Novos lugares, novos horários, linguagem renovada, são algumas das características apresentadas no documento 109⁶⁸. Hospitais, escolas, universidades, presídios, periferias são alguns espaços do vasto campo da Ação Missionária da Igreja na atualidade. Para tanto, “é urgente superar [...] o atual sistema financeiro da Igreja, ainda centralizador, conservador e clerical”⁶⁹, que, não poucas vezes, comercializa o sagrado e faz da Igreja um clube de sócios. O dinheiro arrecadado de múltiplas formas através das instituições eclesiais deve voltar à sua função originária, conforme a comunidade dos apóstolos, a serviço da evangelização⁷⁰ e ao cuidado dos pobres.

Cada um destes pilares é essencial, fundamental e indispensável. A complementariedade de cada pilar sustenta

65 Cf. CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023)*, p.82; CNBB, *Comunidade de comunidades, uma nova paróquia: A conversão pastoral da paróquia*, p.99.

66 “A missão é única e a mesma, mas seus portadores são muitos e diferentes. A missão é de todos e assumida por todos, mas cada um a assume a partir da sua condição existencial concreta – gênero, temperamento, caráter, personalidade, condição social, competência [...]” (José Antonio ALMEIDA, *Paróquias, comunidades e pastoral urbana*, p.188).

67 Cf. DAp, p.169.

68 Cf. CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023)*, p.87.

69 José Antonio ALMEIDA, *Paróquias, comunidades e pastoral urbana*, p.191.

70 Os recursos arrecadados deveriam ser investidos em projetos missionários, formações, pesquisas científicas e produção de subsídios formativos, a fim de facilitar e estimular o processo evangelizador.

uma comunidade paroquial formada por múltiplas pequenas comunidades eclesiais essencialmente missionárias, edificadas sobre valores presentes nas comunidades apostólicas. Estes pilares não apenas sustentam o edifício eclesial, mas configuram-se como sinal libertador através dos quais a paróquia revela-se, não como “indústria dos sacramentos”, mas sim família divina, espaço de fraternidade, de abertura e acolhimento, com especial preocupação com os empobrecidos⁷¹. A estrutura se converte em benefício da comunidade favorecendo a vivência da missão cristã de anunciar o Evangelho. Assim, através dessas novas pequenas comunidades eclesiais missionárias é favorecido o espírito de uma Igreja em saída e o cultivo de uma cultura do encontro em meio à sociedade urbana.

Considerações finais

A realidade urbana e a pastoral nas grandes cidades se mostram como desafios exigentes a serem enfrentados e superados. A sensação de emancipação acabou resultando no isolamento social, na cultura do descartável, na individualidade que se torna individualismo. A Igreja torna-se mais uma instituição entre tantas outras. Neste contexto, as relações de cordialidade e solidariedade, próprias do mundo rural, desaparecem. Cada vez mais é comum os vizinhos se desconhecem. Tornam-se raros os casos daqueles que ainda cultivam a cultura da visita. Escondidas em casa, atrás de altas grades para se protegerem, reclusas em apartamentos e em condomínios, as pessoas mal se cumprimentam. Jovens e idosos pouco interagem. A fé, vivida como obrigação, traz poucas respostas quando professada juntamente com o individualismo e a cultura consumista. Neste contexto, a proposta de pequenas comunidades eclesiais missionárias favorece o resgate do

71 Cf. José Antonio ALMEIDA, *Paróquias, comunidades e pastoral urbana*, p.184.

contato entre as pessoas, desafiando os cristãos a, novamente, aprenderem a conviver, respeitar e acolher o diferente.

A ideia de uma Igreja das Casas promove a consciência fraterna, pois abrir a casa para o acolhimento do outro significa abrir a família, expor a vida, desarmar-se assumindo a postura do acolhimento. Não se trata apenas de um movimento físico/material, mas há um contexto que envolve as pessoas. Dessa forma, a casa se molda para acolher o encontro, vivenciando o momento. Toda a família é envolvida. Aos poucos os vizinhos vão se convidando um ao outro, as pessoas vão tomando conhecimento das realidades familiares a sua volta, o que favorece a prática da fraternidade e da caridade com aqueles que enfrentem momentos de dificuldade. É a dinâmica de uma Igreja que vai ao encontro, que não tem medo de sair, se expor, de professar a sua fé, de cair, de se machucar pelo Evangelho e pelo irmão. Quando estas comunidades são formadas por grupos de afinidade, seja por proximidade espacial, pertença a algum movimento, grupo ou comunidade eclesial de base, a convivência e a relação com a Palavra de Deus favorecem ainda a redescoberta do carisma do grupo, a renovação do grupo, lançando-o para a missão de anunciar Jesus Cristo.

No entanto, este projeto de pequenas comunidades eclesiais missionárias não surgirá de forma espontânea, tão pouco magicamente. Antes, será fruto do despertar de uma espiritualidade missionária sólida, fundamentada na Sagrada Escritura, em plena comunhão com a Igreja local, necessitando do apoio e do amparo do clero. Trata-se de um processo que implica a conversão pastoral da paróquia, impregnando os planos de pastorais paroquiais, das dioceses, das pastorais, formando as comunidades como autênticas discípulas missionárias de Jesus Cristo.

Referências Bibliográficas

- AGUIRRE, Rafael. *Del movimiento de Jesus a la Iglesia Cristiana: ensayos de exégesis sociológica del cristianismo primitivo*. Estella: Verbo Divino, 2001.
- ALMEIDA, José Antônio. *Paróquias, comunidades e pastoral urbana*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2002.
- CELAM. *Texto conclusivo da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. Documento de Santo Domingos. São Paulo: Paulus, 1992.
- _____. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Documento de Aparecida. São Paulo: Paulus, 2007.
- CNBB. *Comunidade de comunidades, uma nova paróquia: A conversão pastoral da paróquia*. Documento 100. São Paulo: Paulinas, 2014.
- _____. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023)*. Documento 109. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- _____. *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Documento 107. 2 ed. Brasília: Edições CNBB, 2017.
- COMBLIN, José. *Viver na cidade: pistas para a pastoral urbana*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1996.
- COMBY, Jean. *Para ler a História da Igreja I: das origens ao século XV*. Trad. Maria Gonçalves. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- DEI VERBUM, sobre a Revelação Divina. In: *Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações*. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 121–139.
- DIEKMANN, Leonardo Envall. Concílio Vaticano I: avanço ou retrocesso? Uma leitura da história 150 anos depois. In: *Revista Missioneira*, Santo Ângelo, v.21, n.1, p.49–57, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://srvapp2s.santoangelo.uri.br/seer/index.php/missioneira/article/view/3034/1709>. Acesso em: 30 set. 2019.
- FRANCISCO, Papa. *Gaudete et Exsultate: sobre o chamado a santidade no mundo atual*. São Paulo: Paulus, 2018.
- GAUDIUM ET SPES, sobre a Igreja no mundo de hoje. In: *Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações*. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1983, p.143–256.
- HOORNAERT, Eduardo. *A memória do povo cristão*. Petrópolis: Vozes, 1986.

LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade: impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2001, p.27-55.

LUMEN GENTIUM, sobre a Igreja. In: *Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações*. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1983, p.39-139.

PAULO VI, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi: sobre a Evangelização do mundo Contemporâneo*. 4 ed. São Paulo: Loyola, 1979.

SILVA, Dayvid da. Paróquia comunidade de comunidades: olhar o passado, analisar o presente, pensar o futuro. In: *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, Petrópolis: Vozes, ano 74, n.296, p.826-846, out./dez. 2014.

SOUZA, Ney de. Da Igreja doméstica à paróquia: aspectos históricos das origens à atualidade da paróquia. In: *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, ano 13, n.83, p.159-172, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/19228/15086>
Acesso em: 20 Set. 2018.